

Fadas no divã

O que Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve e Cinderela revelam sobre nós, nosso tempo e nossa moral

texto: Eliane Brum

ilustrações: Jack Kaminski



Um casal de psicanalistas gaúchos, Diana e Mário Corso, partiram três anos atrás em busca do que tanto nos fascina nos contos de fadas, a ponto de terem sobrevivido à era digital. Na bagagem, mais de 20 anos de clínica, uma pesquisa extenuante sobre a trajetória de cada fábula e a experiência de contar histórias para as filhas, Laura e Júlia, hoje adolescentes. O resultado é o recém-lançado 'Fadas no Divã'

(Artmed Editora), em que descobrimos muito sobre nós mesmas. Afinal, apesar de exibir nossa força ao mundo enfiadas em botas de couro, Cinderela ainda nos encanta.

Em geral, os contos de fadas que chegaram até nós, repetidos de mãe (ou pai) para filha, sofreram uma espécie de censura para torná-los suportáveis à delicada sensibilidade moderna, já que, a partir do século 19, a infância tornou-se uma idade de inocência e de proteção. Assim, foram extirpadas as cenas mais picantes - canibalismo, esquartejamentos e strip-teases infantis, por exemplo - da tradição oral dos camponeses europeus, compilada primeiro por Perrault e depois pelos Irmãos Grimm. O livro desperta muitas questões: por que alguns contos sobreviveram e outros pereceram, o que as partes suprimidas revelam sobre a nossa época e como somos menos diferentes de nossas avós do que acreditamos.

►Na cama com o lobo

*Para que esses olhos tão grandes?
Para te ver melhor, minha netinha.
Para que essas orelhas tão grandes?
Para te escutar melhor, minha netinha.
E para que essa boca tão grande?
Para te comer melhor, minha netinha!*

O diálogo acima é a essência de Chapeuzinho Vermelho, o que restou dela no século 21 e o que faz com que continue a ser contada a meninas pequenas. Na primeira versão anônima, do século 17, a história era muito mais picante. O lobo matava a avó mas guardava um pouco da carne e do sangue para Chapeuzinho, que partilhava encantada do banquete. Depois, a menina fazia um lento strip-tease e jogava uma a uma as peças de roupa no fogo, para em seguida deitar-se na cama com o lobo. Na versão de Perrault, um pouco mais amena, a garotinha era devorada pelo animal e ponto final. O caçador, que vai arrancá-la de dentro da barriga do monstro, só aparece na versão dos Irmãos Grimm, em 1857.



Adaptada para os ouvidos sensíveis de nosso tempo, Chapeuzinho perdeu tempero, mas não a graça. Essa é dada pelo chamado que todos nós escutamos um dia: queremos saber sobre o sexo, embora ainda nem possamos nem queiramos vivê-lo. 'Todos já fomos alguma vez Chapeuzinho Vermelho. Descobrimos que as demandas sexuais existem e passamos a investigar como nos dizem

respeito', apontam os autores. 'Curiosos, corremos o risco de ser convocados ao papel de objeto de um desejo erótico antes de estarmos preparados.' Por isso, quando éramos meninas pequenas pedíamos que nossas mães contassem o conto mil vezes. E hoje atendemos à mesma reivindicação de nossas filhas. As histórias - todas as que valem a pena - servem para isso, para elaborarmos atração e medo deitados na segurança de nossas camas de criança, onde, espere-se, os lobos de carne e osso não venham nos devorar.

► Conflito com a mãe-madrasta

Branca de Neve, assim como Bela Adormecida, nos conta sobre a espinhosa (no caso de Bela, isso é literal) construção da identidade feminina. Ambas sinalizam o conflito inescapável da passagem de menina para mulher: na medida em que as filhas florescem, as mães perdem o viço. As bruxas da história servem para avisar à futura mulher, como sublinham os psicanalistas, 'que a juventude da mãe morrerá esperneando, e que não há lugar para duas mulheres desejáveis no núcleo familiar'. Bruxas e madrastas, convém lembrar, são uma contribuição moderna aos contos. É do século 19, e perdura até hoje, a idealização da mãe como uma santa incapaz de querer algo que não seja o bem dos filhos. Por isso, nos contos a mãe transforma-se em madrasta ou bruxa ou ambas. Ainda que travestidas para não ferir nossos delicados sentimentos, essas bruxas-madrastas mantiveram seu poder. 'Há no mundo alguém mais bela do que eu?', pergunta essa vilã ao espelho mágico. 'Sim, existe e é sua filha', é a resposta que todas as mães escutam um dia. Mas é essa bendita inveja materna que dá à filha a certeza de sua identidade feminina. É ela que a empurra para fora da casa familiar em direção ao mundo, para longe do olhar paterno. Do contrário, Branca de Neve e todas nós estaríamos até hoje infantilizadas, bem agarradas à saia de nossas mães. O preço de ficar, como se sabe, é bem mais alto do que o de ir. (Vale lembrar que, na construção da identidade feminina, a inveja da mãe é tão importante quanto o desejo do pai.) Portanto, atenção. Quando a madrasta disfarçada de velha oferece à Branca de Neve uma apetitosa maçã, é verdade que a garota cai dura, mas não morta. Branca (como Bela) adormece menina para despertar mulher, pelo beijo de um homem desconhecido. O veneno da maçã é a sexualidade. Pensando melhor, a mãe-madrasta-bruxa não é tão ruim assim, certo?

► Um sapatinho bem safado

Cinderela, talvez o mais popular dos contos, já colocou 'as mães' em seus devidos lugares. Ela tem a nostalgia da mãe da primeira infância, bondosa e protetora, que no seu caso está bem morta. E sabe



bem que essa mãe da adolescência, no caso dela encarnada na figura da madrasta, é um osso duro de roer, que fará de tudo para manter sua jovem beleza encoberta pelas cinzas do borralho. Mas, ao contrário de Branca de Neve ou Bela Adormecida, que ainda não sabem bem o que procuram e precisam adormecer para que um príncipe as desperte pela força do desejo, Cinderela deseja o olhar do príncipe. Enquanto suas malvadas irmãs se vestem para a mãe, como meninas mimadas exigentes de aprovação - e por isso não atraem o olhar do filho do rei -, Cinderela vai ao baile real vestida para matar... o príncipe de amor, sim, mas também de tesão. Consegue até 'perder' o sapatinho. Cinderela nos conta muitas coisas dessa etapa da vida de uma mulher, mas diz tanto ou mais sobre o desejo masculino. No clichê que não pode ser desprezado, ela une em sua enigmática figura a moça virtuosa que pode ser amada e a mulher sedutora que quer ser desejada - a santa e a prostituta. Cinderela está sempre se transformando em uma ou outra em seu dia tão atribulado, do borralho para o baile. Por não ser uma ou outra, mas ambas, Cinderela é a que tem mais chance de ser feliz. Seu príncipe é chegado em um fetiche. A ele interessa encontrar o pé que sirva naquele sapatinho transparente. Cinderela, portanto, ecoa forte mesmo em nossa época pós-feminista, como nos explicam Diana e Mário Corso: 'A vida das mulheres mudou, mas a construção da identidade feminina ainda requer que ela se disponha a desempenhar um certo papel para uso da fantasia masculina. Independentemente da mulher forte e capaz que ela se mostre ao mundo, Cinderela será qualquer mulher que, na intimidade, se disponha a brincar de esconde-esconde nos encontros amorosos e a deixar em seu rastro um fetiche como isca para o homem que quer seduzir'.

Publicado na revista Criativa em dezembro de 2005.